



## DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Nilson Sousa Cirqueira<sup>1</sup>  
José Valdir Jesus de Santana<sup>2</sup>  
Reginaldo Santos Pereira<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Historicamente a educação infantil tem sido um espaço dominado pela presença feminina, sendo totalmente generificado e fruto das representações produzidas socialmente sobre o corpo feminino e funções consideradas como sendo exclusivas das mulheres. Segundo Sayão (2005), são notórios os preconceitos advindos de ideias que enxergam o trabalho com crianças menores como eminentemente feminino, especialmente porque, no primeiro nível da educação básica, professores lidam diretamente com os corpos de meninos e meninas. O cuidado sempre foi visto como atributo de mulheres e a proximidade de homens lidando com crianças pequenas geram conflitos, questionamentos e preconceitos. Situações como essas acontecem corriqueiramente na vida de muitos professores homens nas instituições brasileiras.

A problemática que orientou a condução da pesquisa foi: como os homens se constituem professores de Educação Infantil em uma profissão que é caracterizada como tipicamente feminina? Como referencial teórico foram utilizados os seguintes autores: Felipe (1995), Louro (1997), Carvalho (1998), Sayão (2005), Finco (2004), Almeida

1 Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Integrante do grupo de pesquisa Infância, Educação e Contemporaneidade. Endereço eletrônico: nilsonmestradoesb@outlook.com

2 Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista/BA/Brasil) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da mesma Universidade. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Os processos de Gestão da Educação Escolar entre os povos indígenas Pataxó, Pataxó Hã Hã Hã e Tupinambá: experiências em construção”. Endereço eletrônico: santanavaldao@yahoo.com.br

3 Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é professor Adjunto com Dedicção Exclusiva do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (DCHEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado) em Educação da UESB, campus de Vitória da Conquista (PPGGED). Endereço eletrônico: reginaldousb@gmail.com



(1998), dentre outros que têm se dedicado a pensar a relação entre gênero, docência e educação infantil.

Tais pesquisas têm demonstrado que na educação infantil a presença feminina se apresenta de forma majoritária, fruto de concepções de gênero hegemônicas e do patriarcalismo que atuam na produção de meninos e meninas e, conseqüentemente, refletem em concepções de gênero (também hegemônicas) de quem deve educar meninos e meninas neste nível de ensino. A questão é, portanto, muito séria e passa pela construção de uma educação voltada para a valorização das diferenças e diversidades em todos os âmbitos da vida social. Afinal, “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem) [...] ‘fabricam’ os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou *engendradas*) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc.” (LOURO, 1997, p.92).

Para Almeida (1998), o magistério foi a válvula de escape que as mulheres utilizaram para conseguir se introduzir no mercado de trabalho e serem vistas no cenário nacional. Segundo Reis (2011), o processo de desvalorização da profissão docente, iniciado no século XIX e marcante ao longo do século XX, foi equivocadamente atribuído a inserção das mulheres no magistério. Essa desvalorização foi consequência dentre outros fatores, ao contexto socioeconômico e aos recentes imperativos liberais para os quais as atividades de cunho social voltadas para os segmentos menos favorecidos da sociedade necessitavam de prestígio e de valor.

O estudo possui relevância científica, uma vez que buscou refletir acerca das relações entre gênero e docência na educação infantil, especialmente porque em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, pela misoginia, pela negação das diferentes identidades de gênero e sexuais, podemos contribuir para a desconstrução e problematização dessas questões.

## METODOLOGIA

A investigação optou pela abordagem da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva. Segundo Ludke e André (2013), na pesquisa qualitativa os dados coletados são predominantemente descritivos. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. A pesquisa foi realizada entre os dias 10 e 20 de novembro de 2015 em uma creche da cidade de Itapetinga, localizada em um bairro periférico, que denominamos como



Creche Cantinho do Luar, com vista preservar as identidades dos sujeitos. A estrutura física da instituição é composta de uma sala de secretaria, uma diretoria, quatro salas de aula, quatro banheiros infantis, dois banheiros adultos, três depósitos, uma cozinha, uma lavanderia, um pátio coberto (área verde) e um aberto.

Os sujeitos da pesquisa foram um professor, duas professoras e uma gestora. Foram escolhidos esses indivíduos por entendermos que eles tinham um contato direto com a atuação do professor na instituição. Nesse trabalho, apresentamos o recorte da fala do professor investigado. Na coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada com intuito de identificar as opiniões dos participantes sobre o tema proposto. A entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão orientadora para entendimento do processo de se tornar professor homem na educação infantil foi: *Por quê Pedagogia? Porque mesmo com essa baixíssima presença de homens nesse nível de ensino (educação infantil) ainda existem profissionais optando pelo Magistério e ou Pedagogia nos cursos superiores? Obtivemos a seguinte resposta: “Eu sou Pedagogo, pós-graduado em ensino de artes. Não, fiz formação geral. Bom, porque, era o curso de humanas que tinha disponível, então por eu também já trabalhar desde 2002 na área da cultura e da música num projeto social dando aula, então por ser um curso dentre os cursos que eu tinha interesse e era possível realizar aqui em Itapetinga eu optei por Pedagogia (Professor Mello, Entrevista, 10/11/2015)”.*

Percebemos na fala do professor Mello que a sua escolha pelo curso de Pedagogia não era a sua primeira opção, por ele já trabalhar com música em um projeto social no município, provavelmente sua vontade seria fazer um curso na área de música. A pesquisa de Rabelo (2011) realizada aqui no Brasil e em Aveiro Portugal nos relata os fatores que influenciam na hora da escolha profissional. Segundo ela, existem os **fatores extrínsecos** (aqueles relativos ao contexto dessa atividade; são as motivações ativas ou negativas, como a falta de opção, a melhor escolha possível, entre outras) e os **intrínsecos** (relacionados ao respeito ao conteúdo das tarefas que o professor realiza na sua atividade profissional; são as motivações ativas e positivas de escolha profissional).



No caso do professor Mello entendemos que os fatores extrínsecos foram os que o influenciaram na sua escolha como docente, pois “as motivações da escolha profissional dos professores são influenciadas por fatores extrínsecos a profissão (relacionados com o contexto dessa atividade, como **a empregabilidade; rentabilidade; necessidade de emprego e a falta de oportunidades; falta de opção; a melhor escolha possível;** entre outras (RABELO, 2011, p. 7, grifo nosso). Também foi feita a seguinte pergunta ao professor: Como a profissão de professor aconteceu em sua vida? Ou seja, quando percebeu que gostaria de seguir esta carreira? Ele nos respondeu: *Em 2001 eu comecei aqui no projeto de música a estudar música, com um ano depois, mais ou menos, eu já estava sendo monitor de violino, aí a partir dali foi violino, flauta doce, canto, aí eu fui me aperfeiçoando e paralelamente fui dando aula nesse período, de lá para cá até entrar na faculdade em 2004, para formalizar assim a profissão e me formei em 2008 e desde então eu sempre atuei, na verdade desde 2002 que eu atuo*”. (Professor Mello. Entrevista, 10/11/2015)

Podemos ver que o fato de o professor Mello ter se interessado em trabalhar como docente foi a partir de suas experiências nas aulas de música no projeto onde ele frequentava e ainda frequenta. Foi através desse projeto que ele passou a se interessar pela docência, tanto que depois ele entrou na Universidade para formalizar a profissão. Outra questão relevante: *Teve algum pai ou mãe que não aceitou você como professor de seu/sua filho/filha?* Obtivemos a seguinte resposta: *“Não, não. Pelo contrário, eu digo assim, sempre fui bem recebido, eu é que por ser séries iniciais e tal, da educação infantil, creche, eu é que tive a questão do cuidado de me preservar, por uma questão de evitar o próprio preconceito, a é porque é homem, está na educação infantil, a é criança, vai e toma banho na creche, veste roupa. Então sempre tive o cuidado de ter sempre alguém comigo, de chamar alguém, um dia faltou uma auxiliar, aí chamar uma pessoa dos serviços gerais, de outra sala, para está me auxiliando nesse serviço, para eu está evitando justamente me expor nesse sentido”*.

O que podemos analisar deste excerto é que o professor Mello tem certo “policiamento” em relação a algumas funções que existe no trabalho com crianças pequenas, tais como a higienização e troca de roupas/fraldas nas crianças. Esse “autopolicimento” vem da preocupação do que os outros vão dizer, no caso, os pais dos alunos e os próprios colegas de trabalho. Percebemos que ainda existe o medo do que esse profissional possa fazer com as crianças quando o mesmo está a sós com elas. Segundo Felipe (2006, p.214), “tal situação tem levado muitos profissionais, no campo

da educação, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos, [...]para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-



las sentadas em seus colos”.

## CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a presença ou a ausência do homem na educação infantil é atravessada por representações que recaem sobre o que é considerado como sendo de homem e de mulher na sociedade e isso tem dificultado que homens assumam funções de professor na educação de crianças. As consequências, a partir dessa constatação, são muitas e de variadas posições, que recaem sobre homens e mulheres que atuam na educação infantil, mas também na formação de meninos e meninas que estão nesse nível de ensino, e isso impede a construção de relações mais harmoniosas e igualitárias entre homens e mulheres em uma sociedade marcadamente machista e patriarcal.

**Palavras-chave:** Docência. Educação Infantil. Gênero.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Marília. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406-422, 1998.

FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. Disponível em: [http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf). Acesso em: 27 Maio 2016.

FINCO, Daniela; SILVA, Peterson Rigato da; DRUMOND, Viviane. Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero. In: SILVA, Adriana [et al.]. **Culturas**



**infantis em creches e pré-escolas** – estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U. 2013.

RABELO, Amanda. **A figura masculina na docência do ensino primário**: um corpo estranho no cotidiano das escolas públicas primárias do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, 2009.

REIS, Greissy Leoncio. **O Gênero e a docência**: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

SAYÃO, Déborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.